



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Ao meu mais velho

*Dra. Maria Elise Rivas<sup>1</sup>*

Querido amigo e professor Reginaldo Prandi, eu resolvi escrever uma carta pública em vez de um artigo científico.

Sim, uma carta.

Tentei ser a pesquisadora que sou para tratar de um tema muito relevante neste periódico dedicado a você, em comemoração aos seus cinquenta anos ininterruptos de produção acadêmica, e acabei escorregando em parcialidades que um texto acadêmico não permite. Foi então que optei por algo incomum

---

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dra. Maria Elise Rivas*

neste tipo de veículo de informações: escrever uma carta. Senti que escrevendo uma carta seria mais fidedigna aos meus sentimentos, que oscilam entre a admiração intelectual de uma pesquisadora que o respeita profundamente por suas inúmeras produções e também de um ser humano que aprendeu a admirá-lo mais ainda quando o viu como pessoa, para além de “referências bibliográficas” que me eram caras. Além do mais, gosto de escrever cartas para as pessoas que são importantes em minha vida. A carta é um modo íntimo de dizer o que sinto.

Sei que será devidamente homenageado neste periódico como um professor exitoso que atingiu o título de professor Emérito da Universidade de São Paulo, em cujo dia tive a honra de estar presente, atualmente com 42 livros publicados, muitos deles traduzidos para os idiomas tcheco, italiano e francês, assim como por seus 55 artigos publicados em periódicos, muitos deles em espanhol, italiano, francês e inglês, e também pelos 42 capítulos de livros publicados, sem esquecer os 40 textos em jornais de notícias e revistas. Ainda assim, eu gostaria de lhe contar como você mexe em destinos, embora saiba que você já tem ciência disso. Eu sou uma das pessoas que tiveram o destino pincelado por sua construção intelectual e não menos afetiva, como outras centenas. E quero aqui

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Ao meu mais velho*

falar do que vivi, e talvez muitos que conviveram com você ao longo de sua vida se identificarão com minha experiência.

A propósito, estou bem apreensiva de como receberá minha iniciativa de escrever uma carta, contudo, não deixarei de fazê-lo. Hoje tive ainda mais certeza, mesmo que apreensiva de minha escolha, de que ao me referir a sua trajetória não poderia deixar de lado seu lado humano, que tanto admiro. Fui fazer minha caminhada matinal e, ao andar, observava o mar agitado, ondas revoltas e um céu acinzentado que demonstrava mudança de tempo iminente. Pensei e repeti em minha cabeça diversas vezes como Yemanjá é grandiosa, generosa e também, frequentemente, impiedosa com os(as) filhos(as) que deixam seu destino à deriva. Não se pode navegar a vida à deriva. Talvez Iemanjá e Exu tenham lhe extraviado as suas malas. Esta história que sempre o ouvi contando me faz sentido ao pensar em destino. Por sinal, agradeço a quem extraviou suas malas e o fez mudar de pesquisa. Creio que isso foi de fato coisa de Orixá para lhe possibilitar seguir seu destino individual e também contribuir com o destino coletivo dos(as) adeptos(as) das religiões afro-brasileiras: uma ilação de uma mãe de santo e pesquisadora que ao longo da vida pôde ser tocada por suas obras de vários modos.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dra. Maria Elise Rivas*

Quero contar a você como foi nosso primeiro contato, que para mim foi certamente importante, pois você nessa época nem sabia de minha existência. Vou voltar um pouco no tempo e retornar ao momento em que o “conheci”. Na realidade, eu o conheci a partir de suas produções como milhares de outras pessoas. Ao ler suas obras tive empatia imediata com muitas, pois ecoavam em meu estilo de vida como adepta das religiões afro-brasileiras, mas neste momento você “era”, em minha percepção, uma excelente referência bibliográfica. Eu me identifiquei com suas ideias ou, se preferir, resultados de pesquisas. Devorei muitos de seus livros e artigos científicos. Adorei e odiei você na mesma intensidade a partir da leitura. Por incrível que possa parecer, você era quase inumano para mim naquele momento. Não conseguia vê-lo como ser humano de carne e osso cheio de desejos, expectativas, conquistas, frustrações, amor etc. Parece loucura, mas é fato.

Não raro ficava incrédula de como conseguia pôr luz a questões tão violentamente demonizadas pela sociedade, de modo aparentemente tranquilo, e, creio, também pela sociedade acadêmica de décadas atrás. Deve ter passado por muitas situações complexas que nem posso imaginar, mas foi de uma coragem incrível ao levantar esta bandeira em tantos períodi-

*Ao meu mais velho*

cos e livros. Sua coragem em tocar em assuntos tabus de modo tão direto e sem rodeios me encantava. Esse estilo de escrita sempre me fascinou. Eu amava ver questões das religiões afro-brasileiras, muitas consideradas delicadas demais para serem faladas, expostas em seus livros, em prateleiras da Siciliano, Livraria Cultura, Livraria Saraiva, entre outras. Aliás, seu primeiro livro comprei na Livraria Saraiva. Entrei na livraria e vi exposto *Candomblés de São Paulo*. Fui magnetizada até ele, incrédula de estar exposto em direção à rua, pois era raro ver um livro desse teor com tal destaque. Era um misto de alegria, euforia e satisfação. Sei que havia ali um selo inquestionável que lhe possibilitava estar nesses espaços – professor da USP. Local onde fez discípulos(as) que seguiram seu caminho. Não estou desmerecendo seus antecessores na USP, como Roger Bastide, Cândido Procópio Ferreira Camargo, entre outros. Sei que os caminhos são lajeados por inúmeras pessoas, mas não posso negar que você continuou e se aprofundou em muitas outras questões.

Cheguei em casa no dia que comprei *Candomblés de São Paulo* toda feliz para ver o que tinha guardado naquela obra. Para meu assombro e alegria, o livro trazia um assunto polêmico e como que tabu no meio das religiões afro-brasileiras: os

*Dra. Maria Elise Rivas*

candomblés em plagas paulistas e mais candomblés fundados por matriarcas negras, muitas delas oriundas da Bahia e Rio de Janeiro com muitos filhos(as), e, entre eles(as), brancos(as). Chamando para a universalização do candomblé e mais tarde sendo afirmado por você que o candomblé era sim universal, assim como as demais religiões afro-brasileiras. Anos depois, eu me deparo com *Mitologia dos Orixás* na Livraria Cultura em plena Avenida Paulista. Aquele amarelo reluzia como Oxum e pensei: aqui no centro de poder da capital paulista os Orixás brilhando. Mais uma vez é ousado e lança em uma obra icônica dezenas de mitos que estruturam o candomblé nagô. Traz a público sob muitas críticas os mitos que estruturam a teologia de matriz ioruba. Sempre haverá quem condene, mas também quem reconheça a importância desses registros. As críticas vão ao longe sobre profanar a religião, mas não há como negar que isso deu visibilidade a uma teologia escondida às sombras de uma sociedade racista. Logo pensei que eram conquistas suas, bem como de todos(as) nós das religiões afro-brasileiras. Você sabe que arrastou para o alto com você e sua pesquisa as religiões afro-brasileiras. Deu-nos a Avenida Paulista, deu-nos os corredores de congressos e salas de conferências, deu-nos páginas de jornais renomados como a *Folha de S.Paulo*.

*Ao meu mais velho*

Reginaldo Prandi nessa época era para mim um misto de referência bibliográfica e grande homem – ainda intocável literalmente. Individualmente você é uma sumidade inquestionável na pesquisa de religiões afro-brasileiras, mas coletivamente você contribuiu para que as grades que nos prendiam à margem da sociedade criassem fissuras.

Eu era casada com um homem, um sacerdote das religiões afro-brasileiras, que admirava muito seu trabalho, destemido e aguerrido como você, Pai Rivas, que fundou a extinta FTU – Faculdade de Teologia Umbandista, a primeira e única faculdade de teologia com ênfase em religiões afro-brasileiras, e creio que isso só foi possível porque pesquisadores de sua envergadura abriram portas gigantescas na luta para sermos vistos, ouvidos e respeitados também com a Teologia dentro do espaço acadêmico.

Muito tempo depois fui descobrir que você e Pai Rivas tinham a mesma ancestralidade, mas isso deixarei para outra missiva.

Sabia que suas obras recheavam programas de disciplinas da FTU? Estavam presentes em Sociologia da Religião e também em Teologia. Por várias vezes lhe disse que você tem muito, mas muito, de teólogo e a Teologia afro-brasileira lhe deve reconhecimento.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dra. Maria Elise Rivas*

Hoje, ao puxar pelo fio da memória, algo laivos que surgem na construção desta relação que atravessa pouco e muito tempo. Pouco tempo por ser algo recente, quatorze anos, muito pela intensidade que invade minha alma nesta nossa inesperada e sincera amizade, que creio não ser apenas desta vida. Cruzamo-nos em muitos congressos acadêmicos e eu o ouvi em muitas oportunidades, sempre como um cérebro incrível e digno de reconhecimento público, contudo algo mudou no ano de 2008 no congresso realizado pela FTU daquele ano.

Eu o vi adentrar a faculdade com sua camisa clara de botões, de mangas curtas e bolso, segurando uma pasta colada ao corpo. Ao seu lado havia outro renomado professor da USP, cujo nome a memória não consegue recordar. Naquele dia iria conversar com você pela primeira vez pessoalmente. Era um dia especial para a instituição, da qual fui vice-diretora, mas também para mim, pois recebia ali, naquele espaço, um ícone dos estudos sobre religiões afro-brasileiras, que até então era distante da minha realidade física, embora próxima em afinidades na questão de estudos da religião. Havia uma tensão no ar e um “pisar de ovos” de minha parte. Não são todos os dias que encontramos nossas referências bibliográficas. Minha referência bibliográfica adquiria corpo e alma num passe de mágica

*Ao meu mais velho*

e eu não sabia ao certo como me comportar. Para mim foi um momento de felicidade e ao mesmo tempo muito delicado, mas tudo caminhou bem dentro dos protocolos acadêmicos. Você subiu para a sua fala de modo despojado e sério ao mesmo tempo. Lidava com aquele lugar com uma intimidade desconcertante, como alguém que sabe sempre como proceder. Uma frieza carregada de intelectualidade. Palavras milimetricamente traçadas pela competência de pesquisador. Ali falou sobre a análise do senso de 2000 apontando nossa pequeniníssima porcentagem de adeptos(as). Naquele dia queria lhe dizer que ainda resistíamos a tantas ofensivas para nos fazer desaparecer, porém nós tínhamos tido conquistas, pois éramos citados como candomblecistas e umbandistas. Não se dá nome a quem não existe, no entanto eu era apenas uma religiosa indignada. Nesse momento passou longe a frieza de pesquisadora, se é que ela exista de fato. Hoje me pergunto o que você sentiu naquele dia? Ocorreu-me agora que nunca conversamos sobre isso e quem sabe possamos fazê-lo um dia, se desejar.

Tempos depois você voltou, dessa vez para dar aula na primeira pós-graduação, *lato sensu*, da FTU. Foi no ano de 2013., quando em definitivo a admiração por uma mente brilhante foi sensibilizada por um ser humano extraordinário.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dra. Maria Elise Rivas*

Nessa época comecei a fazer algumas digressões, que para mim faziam muito sentido, sobre senioridade. Naquele dia pensei sobre senioridade nas religiões afro-brasileiras. Pensar em religiões afro-brasileiras é pensar tradição e ancestralidade, bem como senioridade. Sem a senioridade, a tradição e a ancestralidade não se fazem vivas, ambas se encontram nas estruturas das casas de axé representadas nos terreiros pelos mais velhos e pelas mais velhas, nossos parentes de santo. Aqueles(as) que guardam e movimentam a força viva do Orixá e da tradição. Ponderei à época que esse mesmo respeito aos mais velhos e mais velhas, os(as) mais experientes, estava presente na academia. A tradição acadêmica não prescinde da ancestralidade e de quem repasse a sabedoria contida nela. São os(as) professores(as), os(as) mais velhos(as), que ensinam aos mais novos(as). Ensinam como devemos seguir os caminhos rituais e a respeitar as normas e pressupostos acadêmicos.

Saiba que faço esta analogia sem intenção de ferir os postulados acadêmicos e científicos, mas é fato que não se faz ciência sem um vasto e amplo lastro de pensadores(as) e pesquisadores(as) que evocamos em nossos trabalhos para dar ali-cerce e sustentação teórica às nossas pesquisas e que também na vida cotidiana nos ensinam o passo a passo do que seja fazer

*Ao meu mais velho*

pesquisa e de como fazer pesquisa. Isso, para mim, guardando as devidas peculiaridades da ciência e da religião, parece muito familiar com o que vivemos nas casas de axé ou terreiros. Toda vez que abraço uma teoria estou me conectando com quem a elaborou. Toda vez que faço das ideias letras sobre um papel trago junto toda uma ancestralidade e sua força criativa, que possibilita a interação entre passado (conceitos e ideias gerados por meio de pesquisas), presente (análise ou interpretação a partir da teoria) e futuro.

Naquela pós-graduação, na FTU, eu o vi como meu mais velho, ou melhor, eu o senti como meu mais velho, como quem guarda uma sabedoria própria de muita experiência. Só sentimos como mais velhos a quem temos respeito e afeto. Nessa época não o vi com a mesma distância de antes e você passou a representar a tradição acadêmica. Nasceu ali um respeito diferente, nasceu um respeito que sentia nas relações com meus mais velhos e com minhas mais velhas na casa de axé. Você era uma força viva, não mais uma referência bibliográfica.

Sei que você irá me dizer para não misturar as coisas. Pode também me dizer que é extrapolar a esfera da ciência e forçar analogias infrutíferas, mas eu ousarei manter minha linha de raciocínio, que me é possível pela minha dupla per-

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dra. Maria Elise Rivas*

tença: pesquisadora e sacerdotisa afro-brasileira. E foi o que senti no ano de 2008: conheci um mais velho, mas nem de longe imaginava que essa ancestralidade se tratava de laços que se desdobrariam em um afeto profundo, um afeto de alma e de amizade que a razão não explica.

Anos depois precisei de um socorro em minha pesquisa e você nem ao menos titubeou em estender suas mãos e ceder seus ouvidos. De uma humanidade indescritível, você me recebeu prontamente. Olhou meu sistema arcaico de fazer anotações um pouco assombrado, mas apenas disse que havia meios mais fáceis e ágeis de fazer minhas catalogações. Minha mente fervilhava com um problema epistemológico. Tinha ou não um objeto para ser pesquisado? Minha descoberta era ou não relevante? Você gentilmente me disse que sim, me acalmou e ainda me deu uma solução com uma categoria analítica em que não havia pensado. Essa foi a primeira conversa que antecedeu tantas outras no decorrer de meu doutorado. A propósito, toda vez que falar em doutorado, sempre irei lhe agradecer por tanta generosidade comigo e minha pesquisa nessa época.

Sempre que resolvo me aventurar, eu o procuro como meu mais velho, pois quero e preciso ouvir seus conselhos. Sei

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Ao meu mais velho*

que posso contar com você, com sua vasta experiência e honestidade que vergasta, mas eu amo. Você tem sabedoria, você tem conhecimento, você tem acolhimento, você tem muito com o que contribuir sempre. Aproveito o ensejo para deixar aqui registrado que a revista tem o nome que carrega por sugestão sua e também agradecer pelo apoio gigantesco para a realização plena da mesma. Lembro-me de, quando levei a você a ideia, que logo criticou a alcunha anterior e buscou universalizar o nome, com Revista Estudos Afro-Brasileiros. A partir desse dia, eu o tornei padrinho da revista para além de ser, o que é, parte do conselho editorial. Acho que esta história de padrinho vem da minha vida no santo. ■

Eu me senti feliz ao poder acompanhar, minimamente, a reedição do livro *Candomblés de São Paulo*. Queria muito lhe fazer feliz com uma edição maravilhosa, como foi. Aquela capa dura com o desenho de Pedro Rafael foi mágica. Sem contar o conteúdo, que é fantástico. Você produziu tanto na pandemia, que foi de dar inveja. “Arregaçou as mangas” e mostrou por que Reginaldo Prandi é um grande pesquisador e escritor. Deu exemplo de que o mundo parou, mas a vida continuava.

Quero encerrar falando de um livro que também diz muito: *Aimó*. Li e reli como uma adolescente essa obra e emprestei

*Dra. Maria Elise Rivas*

para tanta gente que nem sei mais onde foi parar. É o “descontrole” que toda produção tem em si. Ela nasce e vai para o mundo, para lugares que nem imaginamos. Você foi para o mundo com essa e tantas outras publicações, conferências e conversas. *Aimó* é nossa capacidade de sermos guiados por Exu e de nossa fé e confiança nas religiões afro-brasileiras e de fazer destino.

Vou para o término de minha carta e, sempre quando encerro uma missiva, já começam as saudades. Contudo, antes de encerrar, quero rememorar algo que aconteceu entre nós e tem relação com Yemanjá. Lembra-se de quando me deu um fio de contas de Yemanjá? Uma herança de família. Eu me lembro porque para mim foi tudo muito especial, pois na noite anterior sonhei que Yemanjá me dava um fio de contas maravilhoso de cor verde-água e azul da cor do mar. Ela saía das águas e me estendia aquela joia sagrada com muita delicadeza. No dia seguinte, no apartamento de sua tia, em frente ao mar, você, sem saber de meu sonho, me estende um presente, uma herança de santo vinda de sua tia, e era o fio do meu sonho. Eu parei, gelei, não via nem ouvia mais nada. Até que você me disse que, se não quisesse, poderia não aceitar, mas na realidade aquilo foi tão mágico... Eu olhava o mar atrás de você, que

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Ao meu mais velho*

se encontrava sentado de costas para ele, com a joia na mão, e pensava que Yemanjá estava ali usando de suas mãos. Nesse dia o meu afeto por você quintuplicou. Você foi o emissário de Yemanjá, a mãe de Xangô. Esse fio foi devidamente preparado e hoje está no igbà da Yemanjá da casa. Os fios representam alianças e a nossa foi celada por Yemanjá.

Encerro dizendo-lhe que você é uma joia para os estudos afro-brasileiros e que suas ideias e pesquisas estarão vivas durante séculos. Como diz nossa religião: para ser lembrado é preciso ter feitos e você os tem.

Como filha de Xangô, que sempre traz um amor incondicional a Oxalá, deixo registrado aqui meu amor como sua mais nova na academia e no santo (se puder, como sua amiga) e meu profundo respeito a você e a seu grandioso trabalho.

Para esta revista é uma honra poder comemorar seus cinquenta anos de trabalho acadêmico.